

O AUTORRETRATO NA POESIA PORTUGUESA: OS SONETOS HOMÔNIMOS “EU”, DE FLORBELA ESPANCA

Data de submissão: 29/05/2023

Data de aceite: 03/07/2023

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

FCLAr/UNESP

Araraquara – SP

<http://lattes.cnpq.br/8978103083856101>

RESUMO: O presente artigo tem como tema o autorretrato poético, ou seja, o retrato do próprio poeta e eu lírico realizado por meio do texto poético. Já nosso corpus, como indica o título, é constituído por dois sonetos de Florbela Espanca que têm o mesmo nome: “Eu”. O primeiro integra a produção de estreia da escritora portuguesa, *Livro de mágoas*. O segundo, por sua vez, faz parte da publicação póstuma *Charneca em flor*. Objetivamos, assim, investigar o tema do autorretrato poético nos sonetos selecionados. Para tanto, pautamo-nos, para tratar de questões relativas ao retrato poético, no artigo “O autorretrato em Literatura: ilustração e ruína”, de Eunice Ribeiro. Também trataremos de fragmentos da tese de doutoramento *Autorretratos na poesia portuguesa do século XX*, de Teresa Pinto da Rocha Jorge Ferreira.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia portuguesa. Florbela Espanca. Autorretrato poético.

SELF-PORTRAIT IN PORTUGUESE POETRY: THE HOMONEY SONNETS “EU”, BY FLORBELA ESPANCA

ABSTRACT: This article has as its theme the poetic self-portrait, that is, the portrait of the poet himself and the lyrical self realized through the poetic text. Our corpus, as the title indicates, consists of two sonnets by Florbela Espanca that have the same name: “Eu”. The first is part of the debut production by the Portuguese writer, *Livro de Mágoas*. The second, in turn, is part of the posthumous publication *Charneca em flor*. Thus, we aim to investigate the topic of poetic self-portrait in the selected sonnets. For that, we guided ourselves, to deal with questions related to the poetic portrait, in the article “O autorretrato em Literatura: ilustração e ruína”, by Eunice Ribeiro and we will deal with fragments of the doctoral thesis *Autorretratos na poesia portuguesa do século XX*, by Teresa Pinto da Rocha Jorge Ferreira.

KEYWORDS: Portuguese poetry. Florbela Espanca. Poetic self-portrait.

1 | INTRODUÇÃO

O tema que permeia nosso artigo é o autorretrato poético. Isso significa que

nossa investigação aqui exposta gira em torno de poemas em que poetas escrevem um retrato de si mesmos, e esses autorretratos podem ser mais visuais ou subjetivos. Assim, há casos de autorretratos poéticos em que o poeta foca em suas características físicas e seu universo exterior. Contudo, também temos os autorretratos poéticos atravessados visceralmente pela subjetividade do poeta, como é o caso dos dois sonetos homônimos da escritora portuguesa Florbela Espanca que escolhemos investigar.

Nesse sentido, nosso *corpus* é composto por dois sonetos, ambos de mesmo nome – “Eu”. O primeiro soneto está presente no livro de estreia de Florbela, publicado primeiramente em 1919, intitulado *Livro de mágoas*. Já o segundo soneto só é publicado postumamente, um ano após o suicídio de Florbela, em 1931, na publicação *Charneca em flor*.

Logo, objetivamos averiguar os aspectos do autorretrato poético nos sonetos selecionados, buscando compreender qual perspectiva a escritora adota nos sonetos que já denunciam tratar-se de autorretratos devido ao título “Eu”. Além disso, buscamos compreender a evolução do autorretrato publicado em 1919 e o outro, publicado em 1931.

Nossa baliza teórica é composta por um artigo e uma tese de doutoramento, da qual selecionamos fragmentos para compor nossa averiguação da teoria do autorretrato. Assim, o artigo elencado foi “O autorretrato em Literatura: ilustração e ruína” (2015), de Eunice Ribeiro. Já a tese de doutoramento, defendida em 2019 por Teresa Pinto da Rocha Jorge Ferreira na Universidade Nova de Lisboa, é intitulada *Autorretratos na poesia portuguesa do século XX* (2019).

2 | O AUTORRETRATO POÉTICO

A priori, dedicamos nossa atenção ao texto de Eunice Ribeiro de 2015 intitulado “O autorretrato em Literatura: ilustração e ruína”. Assim, Ribeiro (2015, p. 326):

(...) o autorretrato em literatura corresponde, segundo Beaujour, a uma forma literária significativamente mais complexa, heterogênea e descontínua do que a autobiografia, operando com um sistema de mediações culturais e enciclopédicas menos explicitamente imputáveis, por outro lado, às imagens plásticas.

A comparação com a autobiografia realizada no trecho em pauta é válida – autorretrato e autobiografia são formas de um indivíduo versar sobre si. Contudo, o autorretrato de que tratamos, o poético, se distingue da autobiografia, pois esta última geralmente é uma produção prosaica, se formos elencar apenas uma diferenciação.

Além disso, a complexidade, heterogeneidade e descontinuidade retomadas por Ribeiro no trecho supracitado podem ser relacionadas ao fato de que nem sempre o autorretrato poético se assemelha ao das artes plásticas, pois, inevitavelmente, por mais subjetivo que seja, retrata a imagem do pintor. Já o autorretrato poético tem a liberdade das

palavras: pode ser extremamente subjetivo e não tratar, em nada, da aparência física do poeta, mas sim de sua psique, sensações, pensamentos e sentimentos. Sobre isso, Ribeiro (2015, p. 326) afirma:

Mesmo se a dominante descritiva continua a ser-lhe inerente, aquilo que sobretudo o caracteriza, na perspectiva do autor, diz respeito à sua configuração essencialmente aberta, não narrativa e não retrospectiva. Trata-se, para o autorretratista, de inquirir sobre aquilo que é no próprio momento em que escreve, mais do que contar a história do eu e o percurso das suas metamorfoses (...).

Nesse trecho, percebemos uma perspectiva visceral do autorretrato poético: ao contrário da autobiografia, o escritor, ao escrever um autorretrato poético, não conta uma história explícita de sua existência. Desse modo, o autorretrato eterniza, em palavras, uma fugaz autopercepção do poeta, estritamente relacionada ao momento em que ele a escreve, tratando-se de um recorte do momento vivido enquanto se autorretrata em uma poesia.

Já quanto à tese de Ferreira, Florbela é apenas citada em nota de rodapé, que traz justamente uma referência aos sonetos que constituem nosso *corpus*. Assim, trataremos do fragmento “Breve enquadramento teórico”, subtítulo de sua introdução que aborda a teoria do autorretrato. Nele, Ferreira retoma o mesmo autor francês que Ribeiro cita: Michel Beaujour.

Nesse sentido, percebe-se que o autorretrato poético é marginal no que tange à dedicação a ele realizada pelos Estudos Literários. Sobre isso, primeiro, temos a seguinte afirmação de Ferreira (2019, p. 7): “Não obstante, ainda que Beaujour destaque o caráter poético do autorretrato literário, as obras que analisa para pensar esta categoria são em prosa, (...)” Ou seja, o próprio autor francês que se dedica ao autorretrato o faz, majoritariamente, aos textos prosaicos. Ainda, temos: “Os estudos sobre autobiografia têm incluído referências aos autorretratos literários, sem destacar os autorretratos poéticos.” (FERREIRA, 2019, p. 8). Em outras palavras, o autorretrato poético, ou seja, escrito em poesia possui um aspecto marginal tanto na teoria do autorretrato literário quanto na crítica sobre ele.

Após apresentar essas e outras observações que nos levam à conclusão relativa ao aspecto marginal do autorretrato poético, Ferreira (2019, p. 9) afirma:

(...) afigura-se necessário deslocar as leituras dos autorretratos poéticos de um contexto teórico relativo a textos narrativos ou em prosa (como são os referidos estudos sobre a autobiografia e sobre o autorretrato literário), para o âmbito dos estudos sobre a poesia lírica, entendida como categoria literária com uma tradição própria, por forma a discutir melhor, a partir dos poemas, de que modo estes admitem leituras autorretratísticas e de que modo podem ser relacionados com a autobiografia.

Assim, Ferreira justifica a relevância de seu estudo não só no que tange ao autorretrato poético português do século XX, como propõe o título de sua tese, como também ressalta a importância de estudarmos o autorretrato poético nos Estudos Literários.

Por fim, é importante ressaltar que a presente seção do artigo objetiva, apenas, delimitar o tema e a escassez de estudos sobre ele em nossa área de atuação enquanto pesquisadores, o que foi constatado por Ribeiro e Ferreira. Dessa forma, não nos limitaremos aos pressupostos aqui elencados na investigação dos sonetos de Florbela, mas sim, partiremos do pressuposto da marginalidade do autorretrato poético e da necessidade de debruçar-nos em pesquisas sobre ele, como o presente artigo tem como objetivo fazê-lo.

3 | QUEM TEM MEDO DE FLORBELA ESPANCA?

Florbela Espanca (1894-1930) foi uma poetisa portuguesa muito importante para a literatura portuguesa tanto lírica quanto em prosa. As considerações aqui pontuadas foram tecidas a partir do texto introdutório da antologia poética de Florbela de que fazemos uso, “A poética de Florbela” (2015), por Renata Soares Junqueira, além da biografia da poetisa disponível nos sites nomeados *Casa Florbela Espanca e e Biografias*.

A escritora portuguesa foi uma mulher transgressora, o que justifica o título dessa seção, uma alusão à peça teatral do estadunidense Edward Albee *Quem tem medo de Virginia Woolf?* (1962). Um exemplo desse comportamento desaprovado socialmente é notório em sua vida pessoal: teve três companheiros românticos ao longo de sua curta vida. A brevidade de sua vida deve-se ao fato de a escritora portuguesa ter cometido suicídio, aos quase trinta e seis anos de idade, pois faleceu no dia anterior ao do seu aniversário: sete de dezembro de 1930.

Apesar da força de sua poética, produzida quase totalmente na década de 1920, os condutores do primeiro Modernismo português, como Fernando Pessoa, nunca a ela aludiram. Isso se deu, muito provavelmente, por tratar-se de uma poética de uma mulher: “De fato, Florbela era mesmo marginal – porque era mulher e as mulheres não adentraram o espaço restrito aos homens da Geração de Orpheu, (...)” (JUNQUEIRA, 2015, p. 8). Assim, devido ao seu sexo, Florbela não teve o reconhecimento de seus contemporâneos homens.

Ademais, cabe destacar que é possível notar, nos Estudos Literários, que a poética e o comportamento de Florbela trouxeram, para os estudos sobre sua produção poética, a perspectiva feminista presente em sua obra. Independentemente desses estudos, é inegável que a escritora portuguesa era uma mulher à frente de seu tempo. Além do aspecto transgressor e intimista de sua produção poética – e de sua vida em sociedade – temos o fato de que Florbela mistura, em sua poética, sofrimento, solidão e desencanto com o desejo e busca pela felicidade.

Quanto à sua morte, Florbela tentou suicídio outras vezes antes de conseguir, de fato, findar sua existência. Acredita-se que, além de ter uma condição mental grave, a morte do irmão Apeles, aos trinta anos em 1927, em um acidente de avião, teria agravado o quadro de Florbela, levando-a a percorrer os caminhos do suicídio.

4 | O PRIMEIRO SONETO “EU”, DE 1919

O primeiro soneto “Eu”, presente no livro de estreia de Florbela, primeiramente publicado em 1919 e intitulado *Livro de mágoas*, segue transcrito na íntegra abaixo:

Eu

Eu sou a que no mundo anda perdida,

Eu sou a que na vida não tem norte,

Sou a irmã do Sonho, e desta sorte

Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,

E que o destino amargo, triste e forte,

Impele brutalmente para a morte!

Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...

Sou a que chamam triste sem o ser...

Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,

Alguém que veio ao mundo pra me ver

E que nunca na vida me encontrou!

(ESPANCA, 2015, p. 19)

Formalmente, como já afirmado, trata-se de um soneto devido à sua composição: dois quartetos e dois tercetos. Além disso, as duas primeiras estrofes do soneto são compostas por rimas interpoladas, enquanto as duas últimas são constituídas por rimas alternadas. Já quanto ao sentido poético do soneto, faremos uma divisão por estrofes e, depois, uma interpretação do soneto como um todo.

A primeira estrofe demonstra um eu lírico que emana uma sensação de autopercepção negativa, que pode ser percebida nas expressões “anda perdida”, “não tem sorte”, “crucificada” e “dolorida”. Contudo, pode-se interpretar que há um paradoxo nesta estrofe. Ele ocorre na relação entre os trechos destacados e a parte “Sou irmã do Sonho”, que, diferentemente das expressões elencadas anteriormente, pode ter um sentido positivo e até esperançoso em meio ao caos que se instala nessa estrofe.

A segunda estrofe traz uma perspectiva de que o eu lírico é empurrado para a morte pelo destino, além de se definir como “Alma de luto” que é “sempre incompreendida”. Ademais, pode-se perceber uma áurea de fraqueza do eu lírico frente ao destino que,

pelo contrário, é descrito como forte o suficiente para empurrá-lo para a morte. Já no último verso, temos a ideia do luto e da incompreensão da alma do eu lírico. Seria essa incompreensão advinda da sociedade? De alguém específico? Do destino? Tratando-se de um soneto do livro de estreia de Florbela, mulher que publica poesia em tempos nos quais a mulher não ocupava espaços como o literário, o de escritora, o de poetisa, acreditamos que a incompreensão pode ser multifatorial, contudo, majoritariamente social e relacionada ao meio literário, em seu tempo escasso de poetisas.

A terceira estrofe nos mostra uma visão do eu lírico na perspectiva de outrem: invisível, entendido erroneamente como triste e que chora sem saber o motivo do choro. Já a quarta estrofe trata, sob outro ângulo, dessa invisibilidade: o eu lírico afirma que ele pode ser apenas parte do sonho de alguém que o procura neste mundo e nunca o encontrou.

Pensando no poema como um todo, podemos inferir que ele percorre a solidão – tema do soneto que se constitui como um autorretrato poético de Florbela – vivida pela poetisa pela condição de mulher que ousa publicar poesia no início do século XX. Tal solidão está relacionada ao fato de que a escritora sabe que será julgada pela sociedade pelo ato do fazer poético, principalmente pela sociedade literária majoritariamente masculina em seu tempo, como elencamos anteriormente sobre a Geração de Orpheu, contemporânea à Florbela, ser um movimento totalmente masculino (JUNQUEIRA, 2015, p. 8).

5 | O SEGUNDO SONETO “EU”, DE 1931

Por sua vez, o segundo soneto intitulado “Eu” foi primeiramente publicado em 1931, ano posterior à morte de Florbela, mais precisamente na obra poética *Charneca em flor*. Segue sua transcrição integral abaixo:

Eu

Até agora eu não me conhecia,
julgava que era Eu e eu não era
Aquela que em meus versos descrevera
Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era Eu não o sabia
mesmo que o soubesse, o não dissersa...
Olhos fitos em rútila quimera
Andava atrás de mim... e não me via!
Andava a procurar-me - pobre louca!-
E achei o meu olhar no teu olhar,
E a minha boca sobre a tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,
E a chama da tua alma a esbrasear
As apagadas cinzas da minha alma!
(ESPANCA, 2015, p. 99)

Neste segundo autorretrato poético de Florbela, temos a composição de soneto novamente, como já elencado. O esquema de rima se mantém em relação ao soneto anterior: as duas primeiras estrofes do soneto são compostas por rimas interpoladas, enquanto as duas últimas são constituídas por rimas alternadas. Repetiremos o procedimento no que tange à investigação do sentido poético: averiguação de cada estrofe e, no final, uma interpretação do soneto como um todo.

A primeira estrofe demonstra um eu lírico que se descobre alguém diferente de quem pensava ser até então. A segunda dá continuidade a essa perspectiva: o eu lírico afirma que não sabia quem era antes e, por isso, corria atrás de si. Contudo, confessa que agora sabe quem ele é. O termo “rútila quimera” é simbólico e refere-se, possivelmente, a uma brilhante heterogeneidade, ou seja, combinação de elementos divergentes. Podemos interpretar que os “olhos fitos” nessa combinação heterogênea são os olhos do eu lírico buscando a si mesmo antes deste encontro do qual o poema trata. A terceira estrofe ocorre, de fato, um encontro – consigo mesma ou com o outro – que, na quarta estrofe, culmina em um eu lírico que renasce das cinzas, como uma fênix, pela brasa da alma do outro.

Apesar dos símbolos “rútila quimera” e o que fica implícito no final ao renascer das cinzas, a fênix, este soneto apresenta uma áurea de objetividade e confissão quanto à autopercepção, ao autorreconhecimento e ao autoconhecimento. Além disso, temos o tema que atravessa visceralmente o soneto: o encontro. Este encontro pode ser consigo mesmo, por se reconhecer e se perceber de uma forma que até então não conseguia. Nesse sentido, podemos inferir uma temática do duplo no tema do encontro. Outrossim, pode ser, concomitantemente, um encontro com o outro, que enxerga o eu lírico e o salva do apagamento e do esquecimento quando a chama de sua alma acende a do eu lírico, que já se resumia em cinzas apagadas, talvez devido ao fato de ter se percebido tardiamente, quanto estava já sem vida (chama) e, no encontro, renasce.

6 | OS AUTORRETRATOS POÉTICOS DE FLORBELA ESPANCA

O primeiro soneto apresentado é marcado intensamente pela subjetividade, simbolismo e paradoxo, evidenciando uma imaturidade poética de uma escritora que está nascendo no meio literário português com sua publicação de estreia, tendo como tema principal, para nós, a solidão. Já o segundo é marcado pela objetividade (apesar dos dois símbolos supracitados), clareza, autorreconhecimento, autopercepção, autoconhecimento, denunciando uma maturidade poética mais desenvolvida em relação ao primeiro. O tema central do segundo soneto apresentado é, para nós, o encontro: consigo e com outrem.

Contudo, o elemento do autorretrato poético é o elo entre os poemas: temos uma poetisa a falar de si, não se sua forma física, mas de seu interior, de seus sentimentos, percepções e pensamentos sobre si e sobre o mundo que a circunda. Esses autorretratos, visceralmente marcados pela solidão e, depois, pelo encontro, podem ser assim denominados devido ao fato de comporem, como o propõe Ribeiro (2015, p. 326), uma forma de eternização do momento em que a poetisa escreve cada soneto. Como uma fotografia de seu eu interior – como anunciam os títulos dos sonetos – a poetisa apresenta uma autopercepção fugaz e relacionada exatamente com o momento em que redige o poema, que se torna um recorte de um momento vivido, no caso, por Florbela, enquanto escreve um autorretrato poético sobre seu interior.

Por fim, da solidão ao encontro, os sonetos – autorretratos poéticos – marcam o percurso literário da poetisa portuguesa, da publicação de estreia à publicação póstuma. Ainda, eles eternizam a percepção da poetisa sobre si mesma nesses momentos díspares de sua produção poética e de sua existência enquanto indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber, em nosso percurso neste artigo, que os sonetos homônimos “Eu”, de Florbela Espanca, podem ser interpretados sob o viés do autorretrato poético. Não nos prendendo exclusivamente em perspectivas teóricas – as quais são, inclusive, escassas quando o tema é o autorretrato poético – procuramos elaborar interpretações livres dos sonetos que constituem o *corpus*, relacionando-os entre si e, mais brevemente, com a ideia de autorretrato elencada por Eunice Ribeiro em “O autorretrato em Literatura: ilustração e ruína”.

REFERÊNCIAS

CASA FLORBELA ESPANCA. **Amar! Amar! E não amar ninguém!** Disponível em: <https://www.casaflorelaesperanca.com/biografia>. Acesso em: 28 mai 2023.

ESPANCA, F. **Florbela Espanca**: antologia poética. São Paulo: Martin Claret, 2015.

FERREIRA, T. P. R. J. **Autorretratos na poesia portuguesa do século XX**. Tese de doutorado em Estudos Portugueses – Estudos de Literatura. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2019, 353f.

FRAZÃO, D. **Florbela Espanca**: poetisa portuguesa. Disponível em: https://www.ebiografia.com/florbela_espanca/. Acesso em: 28 mai 2023.

JUNQUEIRA, R. S. Introdução: A poética de Florbela. In: ESPANCA, F. **Florbela Espanca**: antologia poética. São Paulo: Martin Claret, 2015.

RIBEIRO, E. O autorretrato em Literatura: ilustração e ruína. **Limite. Revista de estudos portugueses y de la lusofonia**. Cáceres: UEX, n. 9, 2015.